

REFLETINDO O PAPEL DA MULHER:

enquanto doula, parteira e gestante.

Ana Patrícia de Oliveira Martins; Aline Priscila Pereira da Silva; Marcia Maria Silva de Abreu;

Orientadora: Maria Ângela Cassundé Portella

Faculdade de Ciências Humanas de Olinda. E-mail: facho@facho.br

RESUMO

Esta pesquisa buscou demonstrar a importância do parto tradicional, o valor de uma gestação e a grandeza da mulher na gestão de seu parto, tendo como justificativa refletir sobre o papel das parteiras e das doulas no empoderamento das mulheres. O objetivo principal foi abordar o papel da mulher, trazendo a reflexão para a escolha subjetiva, na forma de vivenciar a maternagem na contemporaneidade. Sendo os objetivos secundários: valorizar o conhecimento ancorado no protagonismo das gestantes com relação ao nascimento de seus filhos, compreender a atuação das doulas e parteiras junto às gestantes, e apresentar a trajetória de empoderamento das parteiras onde o exercício de seu ofício leva à autonomia feminina. A metodologia utilizada foi bibliográfica, utilizando uma observação focal em uma instituição que pactua a inclusão da mulher na escolha da sua vivência na maternagem. O parto tradicional vem sendo esquecido pela sociedade atual, num ambiente social onde as necessidades têm que ser atendidas de forma imediata, com partos realizados em unidades hospitalares e conduzidos com medicamentos, aumentando a cada ano. Algumas mulheres parecem ter se afastado da sua condição natural de parir. No entanto, observa-se que outras mulheres fazem o movimento contrário, buscando vivenciar sua natureza de gerar filhos e conduzir sua história de maneira a obedecer sua ordem interna natural. Esse movimento do segundo grupo, traz a reflexão da necessidade de oferecer à gestante a informação de suas possibilidades tanto físicas como emocionais e direitos legais para decidir de forma consciente sobre a condução da sua maternagem. Para isso, observa-se uma grande contribuição dos movimentos sociais conduzidos pelas parteiras e doulas na contemporaneidade, favorecendo o empoderamento feminino e valorizando sua condição dada pela natureza.

PALAVRAS-CHAVE: parto; gestante; empoderamento.

INTRODUÇÃO

Uma reflexão aparece e faz pensar sobre a importância da mulher conhecer os tipos de parto e como ela pode gerir sua história. É o que se pretende esclarecer, mostrando que a informação é o primeiro passo para uma escolha consciente diante de suas possibilidades e condições fisiológicas e psicológicas para parir. Conhecendo a importância do parto tradicional, seus benefícios para o bebê e a gestante, mediante acompanhamento sistemático da parteira, de forma holística integrando o emocional, o físico, a subjetividade e a espiritualização, se obtém um entendimento que proporciona uma escolha consciente da gestante. Nesse processo ela se reconhece como protagonista da sua história e busca através da objetivação, mergulhar em sua subjetividade trazendo para si o compromisso do momento, conforme Paulo Freire (1987) descreveu:



Na objetivação transparece, pois, a responsabilidade histórica do sujeito: ao reproduzi-la criticamente, o homem se reconhece como sujeito que elabora o mundo; nele, no mundo. Efetua-se a necessária mediação do auto reconhecimento que o personaliza e o conscientiza como autor responsável de sua própria história. O mundo conscientiza-se como projeto humano: o homem faz-se livre. O que pareceria ser apenas visão, é efetivamente, provocação; o espetáculo, em verdade, é compromisso (PAULO FREIRE, 1987, p. 17).

Apesar do parto tradicional ser uma prática antiga, segundo o Guia da Gestante e do Bebê publicado pela UNICEF (2011), muitas cesarianas estão sendo realizadas de forma desnecessária, perfazendo quase metade do número de partos realizados no Brasil. No entanto, a Organização Mundial da Saúde enfatiza que apenas 15% dos partos precisam ser de natureza operatória. Na maioria dos casos o parto normal é mais seguro e saudável tanto para a gestante, quanto para o bebê. Contudo, existem casos que a cesariana tem indicação, mesmo levando em consideração os riscos para a mãe e o bebê. Também no SUS é preconizado a livre escolha da gestante para acompanhá-la antes, durante e depois do parto na maternidade, existindo algumas instituições que trabalham com doulas para fornecer o apoio físico e emocional às mulheres e ao acompanhante durante o trabalho de parto (UNICEF, 2011).

A IMPORTÂNCIA DA DOULA

Patrícia do Amaral, doula da ONG CAIS do Parto informa que, na sua prática, a doula cuida especialmente da fase do ciclo gestacional, respeitando com ética as escolhas da gestante. Buscam apoiar as questões familiares, físicas e emocionais femininas e orientar o casal sobre o que esperar do parto, ajudar a mulher a encontrar a melhor posição para dar à luz e sugerem estratégias naturais, como banhos, massagens e relaxamentos que aliviem a dor. Podendo associar outras habilidades naturais de seu conhecimento para beneficiar a mulher grávida, o bebê e o casal, estimulando o vínculo familiar, antes, durante e após o parto.

A importância dessa assistência é endossada por Davidoff (2000, p.428), “as mulheres grávidas respondem a emoções com uma liberação maciça de hormônio. Essas secreções adentram a corrente sanguínea do bebê em gestação. Se excessivas, parecem prejudicar o bebê em desenvolvimento”. Fato que pode ser minimizado com o trabalho desempenhado pela doula.

Para ser uma doula, conclui Patrícia do Amaral, doula da ONG CAIS do Parto e aprendiz de parteira, tem que haver a vontade de servir, muita humildade e se sentir chamada para esse ofício, pois essa prática irá oferecer à gestante suporte sobretudo emocional para lidar com os possíveis conflitos que possam surgir neste período. Maldonado (1988, p. 22 e 23) salienta que:



É importante ressaltar os fatores sócio econômicos na saúde mental da gestante. Numa sociedade em que, principalmente nas áreas urbanas, a mulher trabalha fora de casa, é responsável pelo orçamento familiar e mantém interesses diversos (profissionais, sociais etc), o fato de ter um filho acarreta consequências bastante significativas, o que pode gerar o sentimento de ambivalência entre ser mãe e não ser. A preocupação com o futuro pessoal e do filho pode gerar apreensão, raiva e medo, o que dificulta a sensação de gratificação com a gravidez. Um dos temores que acompanha grande parte das gestantes está associado às alterações do esquema corporal: o medo da irreversibilidade, ou seja, a dificuldade de acreditar que as várias partes do corpo têm capacidade de voltar ao estado anterior à gravidez. Este temor, quando extremo, pode significar um medo que a gestante tem de se transformar em outra pessoa, não mais conseguindo recuperar a identidade antiga. A maioria das gestantes, também se demonstram muito sensível neste período, necessitando de maior atenção das pessoas ao seu redor. O afeto oferecido é importante para que ela se sintam mais segura e feliz com a gestação (MALDONADO, 1988. p. 22 e 23).

O VALOR DA PARTEIRA E DA ONG CAIS DO PARTO

Na essência, a parteira vem de um chamado sagrado das mulheres cuja ancestralidade está ligada a essa prática redentora. Como bem sabemos, no Brasil, estamos enraizados na cultura indígena e na cultura africana, de onde vem todo saber das parteiras brasileiras. A Rede Nacional de Parteiras Tradicionais, foi criada em 1996, no âmbito da ONG CAIS do parto, durante o 1º Encontro de Parteiras Tradicionais, em Nova Jerusalém, Pernambuco. Coordenada por Suely Carvalho, essa ONG reúne as parteiras em torno das seguintes diretrizes: facilitar a troca de experiências, interligar as parteiras tradicionais, estimular o processo educativo e a organização de classe em associações para lutar pelo reconhecimento e regulamentação do ofício. Os movimentos sociais são ressaltados por Paulo Freire (1987) que, enfatiza a importância das organizações populares de massa, trazendo uma liderança revolucionária, conduzindo a um aprendizado verdadeiro e dialógico. Essa teoria dialógica da ação tem como pressuposto, negar o autoritarismo assim como a licenciosidade, pois afirma a autoridade e a liberdade (PAULO FREIRE, 1987). Liberdade essa que é motivo de tanta luta no movimento social feminino que já alcançou muitas conquistas sem se afastar da sua responsabilidade social.

A ONG CAIS do parto foi fundada em 05 de julho de 1991 por Suely Carvalho, parteira tradicional que realizou aproximadamente 5.000 partos, griô (divulgação da história). É mestre da Escola de Aprendizes de Parteira na Tradição, coordenadora da Rede Nacional de Parteiras Tradicionais do Brasil e vice-presidente da Associação Latinoamericana das Parteiras (ALAPAR). A instituição é fundamentada nos Direitos Humanos, nos direitos reprodutivos e no desenvolvimento sustentável, atuando nas áreas de saúde, gênero, cidadania, educação, ecologia e cultura. Na ONG CAIS do parto, as parteiras buscam preservar o saber milenar e assim utilizam-se de rituais como rezas, cantorias, chás, massagens e a intuição, honrando sempre a espiritualidade aprendida com os ancestrais, quer seja indígena ou das negras vindas da África. A ONG conta com



o apoio de uma psicóloga, que também é parteira e consolida juntamente com as demais parteiras a promoção da roda de grávidos, trazendo um saber científico, visando fazer uma preparação da gestante e sua família no tocante à sua condição psicofísica. Condição valorizada por Rezende (2008, p. 138),

A preparação psicofísica para o parto é método de educação psíquica e física que visa manter a gestante em equilíbrio emocional, atenuando as dores da parturição e disciplinando-lhe o comportamento quando deflagrado o trabalho. Conquanto tenham os modernos procedimentos analgésicos e anestésicos relegado a segundo plano o chamado parto sem dor, persistem ainda entusiastas desse método. Embora os resultados dependam essencialmente da estrutura psíquica da paciente, parece não haver inconvenientes na preparação psicofísica ao parto. Há de salientar-se, todavia, numa época em que as mulheres sofrem do que já se rotulou de partofobia, quão difícil será convencê-las a parir pelas vias naturais sem o auxílio de fármacos analgésicos ou anestésicos (REZENDE, 2008, p. 138).

A NECESSIDADE DO EMPODERAMENTO FEMININO

A partir da opressão social sobre as mulheres que sofrem imposições do sistema capitalista, o parto antes encarado como condição natural, passa a ser problematizado, chegando muitas vezes a patologização. O que salienta Paulo Freire (1987), que é nesse momento onde o sujeito se sente oprimido que ele atende à sua vocação de ser sujeito e como forma de ação encontra outras alternativas de viver. O homem sonha com a humanização, sendo isso dependente de um processo que está no devir. No entanto, faz-se necessário a ruptura de amarras reais, tanto econômicas, quanto políticas, sociais e ideológicas. Do contrário, a desumanização é certa. O sonho é uma condição humana que faz e re-faz o homem a cada escolha (PAULO FREIRE, 1992).

Assim, o movimento das parteiras que visa valorizar seu ofício, as práticas naturais e o empoderamento da mulher vêm de encontro ao vivido no social. É uma resistência dentro dos grandes centros urbanos que não pode ter sua voz calada. São nas idas e vindas da vida humana, que se consegue experienciar e escolher a melhor decisão, ou a possível para o momento. Como diria Paulo freire (2003),

Foi reinventando-se a si mesmo, experimentando ou sofrendo a tensa relação entre o que herda e o que recebe ou adquire do contexto social que cria e que recria, que o ser humano veio se tornando este ser que, para ser, tem de estar sendo (PAULO FREIRE, 2003, p. 67).

Para Marceley Carvalho, parteira há 8 anos e filha da fundadora da ONG, a humanização trouxe sequelas em crianças, pois hospitalizou o parto e não estabeleceu limites. Ela afirma que o parto não é ativismo, a criança é o principal nesse processo e precisa de respeito com limites. Em



sua opinião, é melhor uma cesariana bem conduzida, ao trabalho de parto induzido. Onde neste parto a ocitocina e a analgesia chegam ao bebê e o prejudica.

As drogas atravessam a placenta, entram na corrente sanguínea e no tecido do feto e reduzem seu suprimento de oxigênio. Embora os bebês recém-nascidos de mães medicadas durante o parto pareçam bastante saudáveis no nascimento, frequentemente exibem pouca atividade motora espontânea, frequências cardíaca e respiratória lentas e circulação precária (DAVIDOFF, 2000, p. 430).

A parteira Marceley Carvalho também informa que muitas vezes o trabalho de parto começa, mas a mulher não consegue parir. Nesse caso a melhor opção é encaminhá-la à maternidade e receber assistência médica tradicional como uma cesariana. Nenhuma parteira pode garantir um parto natural; a dinâmica do trabalho de parto é preponderante para que isso aconteça.

Segundo o Ministério da Saúde (2012), a cesariana representa graves riscos de mortalidade para ambos, mãe e bebê. A parturiente que escolher dar à luz por cesariana tem riscos de vida seis vezes maior em relação àquelas que optam pelo parto normal. Os partos que apresentam maiores riscos são os chamados cesarianas eletivas ou partos programados, quando simplesmente se agenda uma cirurgia para o nascimento do bebê. Nesses casos, a gestante não chega a entrar em trabalho de parto. Estudos reconhecidos pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), relacionam diretamente o alto índice de bebês prematuros com o alto índice de cesarianas antes de completar a idade fetal.

O Guia dos Direitos da Gestante e do Bebê, publicado pelo UNICEF e pelo Ministério da Saúde (2011, p. 51) ressalta que,

A cesariana desnecessária é inaceitável. Mas se for preciso fazê-la, deve ser realizada, geralmente, apenas depois do início do trabalho de parto. A natureza tem ritmos e razões que cesarianas com hora marcada por conveniência desrespeitam. Se tudo vai bem, a cesariana é desnecessária mesmo para parto de gêmeos (com ambos de cabeça para baixo), prematuros, gestante adolescente e mulheres com hipertensão moderada (Ministério da Saúde, 2011, p. 51).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia pré e perinatal que ocupa-se com as consequências das experiências vividas durante a gestação, o parto e os primeiros meses ou anos de vida para a saúde futura do ser humano, traz grande contribuição para compreender e encontrar maneiras de minimizar e até solucionar alguns danos desse período.

Assim, retornando à finalidade, intensiona-se com esse artigo trazer uma reflexão sobre as práticas tão comuns da sociedade atual relacionadas à visão de uma gestação, parto e laços afetivos



familiares, levantando questões que muitas vezes passam despercebidas no dia a dia corrido das grandes cidades. Acreditamos que as relações humanas são preciosas e devem receber um olhar respeitoso desde a concepção de um novo ser, pois o maior tesouro que temos é a vida e devemos respeitá-la desde sua simples ideia de existir.

REFERÊNCIAS

- DAVIDOFF, Linda. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Pearson-Markron Books, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MALDONADO, Maria T. P. **Psicologia da gravidez**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Atenção ao pré-natal de baixo risco**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- ONG CAIS do parto. Disponível em: <caisdoparto.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 set. 2014.
- PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: Artmed, 2006.
- REZENDE, Montenegro. **Obstetrícia fundamental**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- UNICEF. **Guia de direitos da gestante e do bebê**. São Paulo: Globo, 2011.

